

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



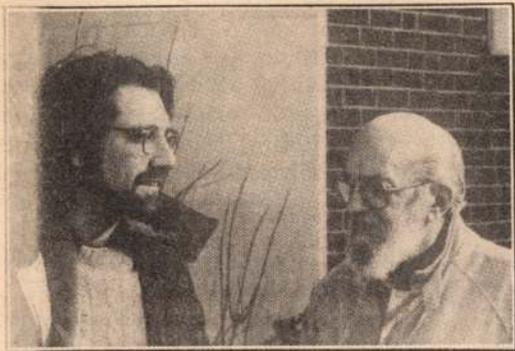
Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

Educação

Arquivo Paulo Freire



Ira Shor e Paulo Freire: luz sobre velhos temas

Paulo Freire

As teses polêmicas repassadas num livro de diálogos

Ousadia do cotidiano

Sérgio Haddad

Medo e ousadia — o cotidiano do professor, de Paulo Freire e Ira Shor — trad. Adriana Lopes — Ed. Paz e Terra, 224 pp. Cz\$ 116,00. Col. Educação e comunicação, v. 18.

“O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual.”

Talvez com estas palavras transcritas do seu último livro, *Medo e ousadia*, o professor Paulo Freire nos forneça as razões

que justifiquem tantos livros de diálogos lançados ultimamente. Foi assim com Sérgio Guimarães, com Frei Betto, com Faundes, com Rosa Maria Torres, e, agora, com Ira Shor. O diálogo é ponto de referência central no pensamento de Paulo Freire, pois é através dele que acredita ser possível seres humanos se transformarem em “seres comunicativos”, podendo “atuar criticamente para transformar a realidade”.

O diálogo transcrito neste livro da Editora Paz e Terra nasce de uma proposta de Shor, educador norte-americano, em fevereiro de 84, e se encerra na edição do manuscrito, em julho de 1985. Durante este período várias gravações, regravações e transcrições ocorreram, a partir de uma pauta de questões levantadas por profes-

sores norte-americanos “interessados pela mudança social e pelas classes libertadoras, questões concretas que os professores enfrentam na recriação da escola e da sociedade”.

Ao longo das 224 páginas o diálogo corre solto sobre uma linha geral de preocupação: o trabalho do professor e suas perspectivas politico-pedagógicas.

Os vários temas vão surgindo, algumas vezes de maneira repetitiva, ao longo dos sete capítulos organizados sobre questões comuns. São temas deste diálogo: a educação libertadora e a educação tradicional, o educador libertador, educação e mudança social, os temores que os professores têm de se transformar, o rigor e a autoridade na pedagogia libertadora, a relação professor e aluno, a “educação dialógica”, a pedagogia libertadora na sociedade norte-americana, a linguagem e suas diferenças na relação professor e aluno, educação e conscientização.

O que há de novo nestes velhos temas? Talvez o novo sejam os velhos temas em um novo diálogo. E o que há de novo neste novo diálogo? Talvez o velho em forma nova. Explico: a oportunidade deste diálogo com um educador norte-americano trouxe até nós um Paulo Freire falando sobre seu pensar pedagógico, de maneira explicativa para o novo que estamos vivendo, este novo no meio educacional é justamente a crítica sobre seu pensar pedagógico.

Falando para um interlocutor, que em muitos momentos representa o pensamento ingênuo que lhe tem sido imputado,

conversando sobre velhos temas, Paulo Freire procurou colocá-los de maneira precisa, como quem explica aos seus críticos suas questões mais polêmicas.

Desta forma, discorre sobre o valor dos conteúdos no processo educacional, sobre o caráter diretivo da ação educativa, sobre o rigor e a disciplina na educação, sobre a diferença de papéis entre professor e aluno; critica a posição idealista dos educadores e o caráter revolucionário da ação escolar; fala sobre o valor da aula expositiva e do silêncio com a atitude participativa.

Para alguns pode parecer o novo em Paulo Freire, uma reconsideração do seu modo de pensar. Para outros, um reafirmar de várias ideias mal interpretadas no debate atual. De qualquer forma, um livro que sem dúvida alguma se faz pertinente para o momento, apesar dos velhos temas. Um livro que discute o cotidiano do professor de maneira aguda e que, portanto, concordando ou não com as ideias discutidas, é impossível para o educador passar pela leitura sem se questionar sobre seus próprios objetivos e sua prática pedagógica. Deve se registrar, no entanto, uma restrição: a transcrição de um diálogo em forma de texto sempre traz perda para o leitor: isto, unido ao fato do livro ser uma tradução, resulta algumas vezes em um produto de difícil compreensão.

Sérgio Haddad é educador e coordenador do curso supletivo do colégio Santa Cruz